

A Química como expressão do mundo da vida

Daysilane das Mercês Frade Silva¹ (PG), Murilo Cruz Leal² (PQ)

1 Universidade Federal de São João del-Rei, 2 Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

daysefrade.quimica@yahoo.com.br

1 Rua do Registro, 1200, Bloco C, Apartamento 402, Vila Beneves, Contagem – MG, CEP: 32.044-295

2 Praça Frei Orlando, 170, Centro, São João del-Rei – MG, CEP: 36307352

Palavras Chave: ensino de química, representação, fenomenologia

Introdução

Uma das preocupações do ensino de Química está relacionada à questão do sentido e do significado dessa ciência para os educandos. Em caráter amplo, podemos perguntar: qual a contribuição da Química para um mundo melhor? O objetivo deste estudo é discutir a Química como expressão do mundo-da-vida, para além de sua significação como mera representação. O ponto de partida são questionamentos filosóficos de orientação fenomenológica sobre o sentido do conhecimento científico em geral e, mais especificamente, do conhecimento químico.

Resultados e Discussão

Mikhail Bakhtin e Edmund Husserl problematizaram a cisão entre mundo da vida e mundo da ciência. Conforme preconiza Bakhtin em sua *Filosofia do Ato*, “O mundo como o conteúdo do pensamento científico é um mundo particular; é um mundo autônomo, mas não um mundo separado”¹. De acordo com Bocharov, na Introdução à Edição Russa, a tese principal de Bakhtin é que pensar de modo participativo implica não separar os atos realizados de seus produtos. Bakhtin propõe uma descrição fenomenológica do mundo do ato responsabilmente realizado. Expressa que um “evento pode ser descrito apenas participativamente”¹. Husserl recomenda o “voltar às coisas mesmas”, um “retorno ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*)”². Desse modo, a recomendação de Husserl não deve ser entendida como algo da ordem do concreto, o que poderia conduzir a um empirismo ingênuo. Assim, a fenomenologia de Husserl não consiste em abdicar da objetividade da ciência, mas reatar a ciência ao mundo vivido. Nessa mesma perspectiva, Pierre Laszlo afirma que “o homem é o ser que encontra sentido no mundo” e que para compreendê-lo “utiliza códigos e ressalta analogias”³. Voltando à Química, seu ensino, um questionamento seria: como entendê-la e ensiná-la como expressão do mundo da vida (*Lebenswelt*)? O ensino de Química centrado em memorizações de símbolos, fórmulas e regras de nomenclaturas tende a separar o mundo do conhecimento e o

mundo que habitamos, podendo transformar estes códigos descritivos em representação inquestionável do real. Assim, parece oportuno tomar o nível descritivo da Química como linguagem simbólica que expressa, no ato do conhecimento, os fenômenos do mundo vivido e não como, às vezes é encarado, como imagem espelhada de seus fenômenos de interesse. Rorty argumenta que a tentativa de explicar o conhecimento objetivo e racional “em termos de representação exata é um esforço auto-frustrante”⁴. Oliveira apresenta um diálogo entre Merleau-Ponty e Husserl que nos ajuda a entender o “saber científico [...] não como um saber dogmático que quer encarcerar o mundo em suas representações rígidas e fechadas, mas como se constituindo, a partir do mundo percebido, sempre como um saber aproximado, aberto”².

Conclusões

Desse modo, percebemos o saber químico vinculado aos nossos atos cotidianos, à nossa vida. Esta percepção pode proporcionar uma estreita relação entre sujeito do conhecimento e mundo da vida, em suas diversas dimensões – técnica, estética, ética etc. A ciência que advoga para si a verdade absoluta e que faz de seu conhecimento idealizado uma representação legítima do mundo vem sendo, há muito tempo, criticada. Com este estudo, buscamos refletir a Química como ciência ligada ao mundo da vida, necessariamente vinculada aos nossos atos, para expressar, dar a ver, o sentido desta ciência para um mundo melhor.

¹ Bakhtin, M. *Toward a philosophy of the act*, Austin, University of Texas, 1993. Tradução para o Português de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, destinada exclusivamente a uso didático e acadêmico.

² Oliveira, W. C. O Conceito de Fenomenologia a partir do “Prefácio” à Fenomenologia da Percepção de M. Merleau-Ponty. In: Pinto, D. C. M.; Marques, R. V. (Orgs). *A Fenomenologia da Experiência: Horizontes Filosóficos da Obra de Merleau-Ponty*. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

³ Laszlo, P. *A Palavra das Coisas ou a Linguagem da Química*. Lisboa: Gradiva, 1995.

⁴ Rorty, R. *A Filosofia e o Espelho da Natureza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.